

Neste quadragésimo primeiro número da *ex æquo* reunimos um conjunto de textos sobre temas diversos, que têm em comum a mobilização de metodologias qualitativas de investigação científica. A organização do dossier sobre *Epistemologias, metodologias e produção de conhecimento crítico de matriz qualitativa em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas* esteve a cargo de Cristina C. Vieira e Sofia Bergano, ambas especialistas em Ciências da Educação, com amplo domínio destas metodologias, incluindo a sua apresentação didática em manuais.

Como se pode ver na *Nota Prévia*, este dossier resultou da parceria estabelecida com o 8.º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ2019) e a 4.ª World Conference on Qualitative Research (WCQR2019). Feita uma primeira seleção de textos a incluir, a partir da avaliação dos resumos das comunicações, foi lançado o desafio às respetivas autoras e autores para procederem à sua ampliação tendo em vista a publicação. Uma vez recebidos, os textos foram ainda objeto de uma última avaliação. Da seleção feita, resultou um conjunto de seis textos sobre temáticas e proveniências muito diversas, incidente sobre problemas sociais que afetam em especial as mulheres. Da sua diversidade e relevância nos dá conta o texto de apresentação do dossier. Neste Editorial, incumbe-me dar conta, ainda que brevemente, do contexto em que este número da revista foi produzido e dos textos e outro material extra dossier.

Este número da *ex æquo* foi produzido ao longo dos três primeiros meses da crise pandémica da COVID-19, cujos impactos na comunidade académica e científica estão ainda por conhecer em profundidade. É sabido que nenhuma crise é neutra sob o ponto de vista de género, acarretando impactos diferenciados para diferentes tipos de pessoas em função do estatuto, reconhecimento e acesso a recursos de que dispõe. As especificidades desta crise e a experiência de crises anteriores permitem antecipar uma especial severidade dos impactos para as mulheres, também no contexto académico, tendo em conta a 'ordem de género' vigente. Algumas análises instantâneas e testemunhos rapidamente divulgados durante estes meses, mas também os dados disponibilizados por várias diversas publicações relativos à prevalência de submissões de autoria feminina e masculina, apontam para uma significativa quebra de produtividade feminina. As medidas de contenção do coronavírus repercutiram-se especialmente na ambiguidade da posição social das mulheres, entre o público e o privado, entre a casa e a universidade, entre o trabalho do cuidado e o trabalho académico. O confinamento tornou mais penosa a negociação entre público e privado, sobre a qual se organizam as carreiras. As académicas mães, em especial as que compõem famílias monoparentais, estão entre as que mais se ressentem do confinamento e do isolamento social. O mesmo se diga das que ocupam posições de grande precariedade.

Outro impacto da crise pandémica fez-se sentir no trabalho de investigação, interrompido por via da impossibilidade de acesso ao terreno de investigação (laboratórios ou comunidades humanas) e as dificuldades acrescidas para manter o «normal» funcionamento em regime de teletrabalho (num contexto de condições sociais excepcionais, exacerbadas pelos desafios emocionais inerentes à pandemia). Temos todos os motivos para pensar que as mulheres foram as mais afetadas pela situação: ocupando, em geral, as posições de maior precariedade e de menor estatuto, são elas que mais frequentemente sentem as dificuldades e *stress* associados à gestão do tempo, do *home office* em que há constantes interrupções por atividades de cuidado (de crianças ou outras pessoas dependentes) ou, ainda, que são sobrecarregadas com tarefas de *care of academic family*, na expressão de Guarino e Borden (2017), ou seja, com tarefas administrativas, de envolvimento de públicos, tutorias, gestão de cursos, etc.

Pensando, nas ciências sociais, em particular, é para nós claro que as metodologias qualitativas, que implicam um grande envolvimento com participantes nas pesquisas, estão a ser, sem dúvida, particularmente relegadas para segundo plano, mesmo quando se tenta ultrapassar a situação de distanciamento físico e social, com recurso a tecnologias. Ora, as metodologias qualitativas são um pilar fundamental dos Estudos sobre as Mulheres, dos Estudos de Género e dos Estudos Feministas. Os textos incluídos no *dossier* deste número da *ex æquo* são mais uma demonstração dessa afirmação.

Na secção de *Estudos e Ensaios*, voltamos a encontrar metodologias qualitativas (análise do discurso e entrevistas semiestruturadas), mas também as quantitativas. Concretizando, Sonia Núñez Puente e Diana Fernández Romero analisam «La misoginia popular como contramovimiento: estudio de la resemiotización y los discursos manipulativos como desafíos contra el feminismo». Com base em três estudos de caso, desconstruem os discursos de partidos de direita, como o VOX, em Espanha, que se baseiam em quadros interpretativos vinculados a conceitos como «ideologia de género» ou «feminazi». É um contributo muito relevante para a compreensão de discursos cada vez mais presentes na política.

Ainda em Espanha, Raúl Payá Castiblanque denuncia a «La invisibilidad normativa de los riesgos psicosociales que afectan a las mujeres trabajadoras. El caso español en perspectiva europea». Com efeito, o autor mostra como a subestimação dos riscos psicossociais afetam sobretudo as mulheres trabalhadoras.

Os dois textos que se seguem incidem sobre a realidade portuguesa: Rita Pinto e Alexandra Oliveira enfatizam a importância das visitas íntimas para a adaptação das mulheres à prisão no texto sobre «Reclusão feminina: As implicações da visita íntima na adaptação à prisão»; e Filipa César, Alexandra Oliveira e Anne Marie Fontaine, na sua análise sobre «Mães cuidadoras, pais imperfeitos: Diferenças de género numa revista portuguesa para mães e pais» ajudam-nos a ter uma leitura mais fina de uma revista de grande difusão nacional – a *Pais & Filhos* – que evidencia fortes marcas de ambivalência num discurso que, apesar de apelar

a modelos de paternidade mais partilhados, continua a chamar a atenção para as exigências do papel que incumbe às mães como «principal e insubstituível cuidadora», reforçando desse modo uma clara diferenciação de género.

No último artigo incluído neste número, Ana R. Pinho, Liliana Rodrigues e Conceição Nogueira ensaiam uma desconstrução da parentalidade em homens trans* que engravidam no texto que intitularam «(Des)Construção da parentalidade trans*: Homens que Engravidam». A revisão teórica que fizeram expõe as múltiplas questões que a situação destas pessoas suscita e a pouca resposta que encontram nas nossas sociedades dominadas pela heteronormatividade.

A secção de **Recensões**, por fim, convida-nos a acompanhar de perto as leituras que a Adriana Bebiano, a Elizângela Costa de Carvalho Noronha e o Tiago Rolino fizeram, respetivamente, das coletâneas editadas por Yvette Taylor e Kinneret Lahad, sobre *Feeling Academic in the Neoliberal University – Feminist Flights, Fights and Failures*, por María José Gámez Fuentes, Sonia Núñez Puente e Emma Gómez sobre *Re-writing Women as Victims: From Theory to Practice*, e, ainda, a obra de Adriana Ramos de Mello, sobre *Feminicídio: uma análise sociojurídica da violência contra a mulher no Brasil*. Todas constituem excelentes e oportunas sugestões de leitura.

A ex æquo continua a tentar ser um pilar de apoio ao aprofundamento e à visibilização dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. O objetivo é destacar a importância de manter a igualdade de género na agenda dos nossos locais de trabalho e nas nossas organizações, bem como na preparação de respostas das políticas públicas, em situação de crise pandémica ou não.